

## RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



SOUZA, L. M. de. *Como funciona uma língua: fundamentos (muito básicos) de linguística*. Campinas: Mercado de Letras, Abralín, 2021.

**Marcelo Módolo\***

**Muri Lucas Pereira\*\***

Universidade de São Paulo

Iniciativas de vulgarização do conhecimento científico cumprem papel essencial não só na formação de novas gerações de pensadores, mas também no próprio questionamento das ideias veiculadas. É esse caráter pedagógico e, portanto, dialógico da busca de um objeto cognoscível que lança novos olhares sobre aquilo que se estuda (FREIRE, 1980), sendo esta uma das razões para o esforço educador, qualquer que seja a área do saber. É tentando cumprir esse papel e aproximar de um amplo público o pensamento científico sobre a língua, a linguística, que Luisandro Mendes de Souza se debruça em *Como funciona uma língua: fundamentos (muito básicos) de linguística*.

\* Doutor em Letras (USP/CNPq). Professor de Filologia e Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: modolo@usp.br.

\*\* Graduada em Engenharia Química (UFSCar). Graduada em Letras (USP). E-mail: murilucas@usp.br.

Neste livro, o leitor encontrará uma louvável tentativa de abarcar campos vastos e diversos do pensamento sobre a língua em curtas 167 páginas. Na primeira parte do texto, o autor versa sobre a história das reflexões linguísticas passando pela Antiguidade Clássica, um breve comentário acerca da origem dos estudos gramaticais do português, chegando até os estudos histórico-comparativos pré-saussurianos. Com foco claro na valorização do método científico e de suas conquistas, o autor enfatiza, neste primeiro momento, o surgimento da linguística como ciência nos estudos estruturalistas de Ferdinand de Saussure, delineando suas principais ideias por meio de suas bem conhecidas dicotomias. Há breve comentário acerca do estruturalismo norte-americano de Leonard Bloomfield ao que se segue as teorias e biografias de influentes pensadores do século XX, quais sejam, Noam Chomsky, William Labov e Mikhail Bakhtin.

A segunda parte é dedicada a considerações mais específicas sobre língua e linguagem visando responder à pergunta que motiva a obra. Assim, influências sociopolíticas na definição do objeto linguístico e a conseqüente variação e disputa nos conceitos de língua e dialeto são cotejadas com uma abordagem mentalista do que seria a língua, típica do gerativismo chomskyano. De modo a dar uma dimensão mais concreta do trabalho de um linguista, os principais campos de pesquisa desta disciplina são apresentados (fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) além de uma seção descritiva sobre as várias possibilidades de atuação deste profissional.

É interessante notar que a proposta do livro vem já no título anunciada com uma expressão posta em destaque por um parêntese (*muito básicos*). Esta marca prosaica convida o leigo (público dileto do livro) e marca a faceta didática a qual se propõe o material, reiterada logo na introdução: “Estudar língua na escola certamente envolve aprender regras do que julgamos como a escrita ideal, mas também deveria envolver encarar a nossa língua e todas as línguas humanas como um objeto de investigação científica.” (p. 8).

Nela, percebe-se o rigor científico com o qual se pretende apresentar os conceitos deste campo do saber sem deixar de lado a faceta humana e natural que é característica de todas as línguas que, nos compêndios tradicionais de gramática e linguística, acaba se afastando do leitor/aluno, quase como que se esses tratassem de um idioma diferente. A linguagem informal e prosaica, com tons de comicidade, já antecipada pelo título, é, assim, o maior destaque desse livro. Além de aproximar da obra um público mais amplo, ela também funciona como maneira de quebrar ideias preconcebidas acerca da pesquisa científica da linguagem, como a de que o falar cotidiano não seria objeto digno de análise, ou que este seria forma “inferior” de língua.

A escolha de exemplos tão atuais como “flop” ou “biscoiteira” (p. 119), por exemplo, cumpre a veia educativa e científica mencionada anteriormente de forma engenhosa: ao leitor contemporâneo, instigará e chamará a atenção o rigor e prestígio dado a termos tão correntes de seu falar e escrever. Já ao leitor vindouro, quando não mais estiverem em uso tais vocábulos, interessará a curiosidade do estado da língua em tempos anteriores sendo este convidado a encontrar equivalentes de seu próprio tempo e analisá-los.

Não obstante o comportamento passivo que a leitura silenciosa muitas vezes representa, um diálogo entre autor e leitor, tão caro ao ensino, é estabelecido de forma despreziosa e engraçada no livro de Luisandro por meio de convites a reflexão - “Para começar a empreitada, faça um exercício de observação da realidade” (p. 51) - e a construção de ideais a partir de exemplos abundantes da fala cotidiana, além de vários materiais de apoio indicados ao longo da leitura. Esta faceta interativa do livro, torna-o candidato forte ao uso no ensino básico e médio como ferramenta complementar e crítica ao estudo da gramática tradicional que tende a engessar as possibilidades da língua dado seu prescritivismo, bem como propagar concepções há muito desatualizadas.

Em um livro que tem escopo tão amplo, abarcando áreas vastas do estudo da língua, de fonética à pragmática, mencionando aspectos de metodologia e história da pesquisa linguística, é impossível que se espere mais que uma visão geral das ideias que norteiam tais campos, sem muito apressa a tendências teóricas divergentes, ou mesmo uma sistematização de conceitos.

Ainda, o que muitas vezes falta ao iniciante em uma nova área de interesse é uma visão sistêmica desta que o situe e dê dimensão de seu tamanho, algo como um mapa conceitual inicial a ser apurado e expandido em estudos futuros. Neste aspecto, o livro resenhado é certo. Ao final da leitura, mesmo que não se saia com conceitos sólidos e bem definidos de linguística, o leitor terá em seu arsenal um mapa teórico e relacional permitindo que este encare textos específicos sem perder, contudo, a noção do todo.

Dito isso, é tarefa daquele que se propõe a ensinar e vulgarizar, instigar e desafiar o interlocutor, expondo contradições, tensões ou ideias complexas, sem a pretensão de que sejam resolvidas no curso da leitura, mas que promovam certa busca e reflexão posteriores. Dada a linguagem acessível do livro, a princípio uma barreira a menos, a impressão que fica é a de um compêndio informativo que possui seu valor, como apontado acima, sem a promoção ativa de uma postura crítica daquele que lê.

A título de exemplo está o capítulo *As orações e os sintagmas*, no qual o autor menciona a existência de outras abordagens a sintaxe que não a chomskyana, no entanto perde a oportunidade de desenvolver um contraponto que seja a essa. Em um livro introdutório esta postura acaba por dar papel de destaque à teoria escolhida, quando uma perspectiva questionadora enriqueceria sobremaneira a discussão.

*Como funciona uma língua* é, assim, de grande valia ao iniciante que procura se situar nesta vasta e rica área do conhecimento que é a linguística. Apesar de muitas vezes funcionar como um compêndio informativo, há tentativas em construir um pensamento analítico sobre a língua caro ao linguista e ao cientista, em geral. Estudos mais aprofundados serão, no entanto, necessários para que se inicie de fato nas discussões teórico-metodológicas pertinentes à disciplina.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



Recebido em 05/07/2022. Aceito em 22/08/2022.